

O ENSINO DE LITERATURA: ESTRATÉGIAS, TRAJETOS E A FORMAÇÃO DE PROFESSORES

LITERATURE TEACHING: STRATEGIES, PATHWAYS AND TEACHER TRAINING

Emerson Torres da Silva¹ (UEMS)

Altamir Botoso² (UEMS)

Resumo: A proposta deste artigo é discutir algumas questões que permeiam o ensino de literatura no Ensino Médio e se convertem num desafio constante no âmbito educacional tais como as estratégias utilizadas nas aulas para se estudar textos literários, os trajetos percorridos no Brasil no que se refere ao ensino de literatura nas escolas, desde a época colonial até a contemporaneidade e a relevância da formação do professor que irá trabalhar nas escolas e terá um papel destacado na formação de leitores críticos e conscientes de sua inserção e atuação na sociedade. A metodologia pauta-se em pesquisa bibliográfica de obras que abordam o ensino de literatura: Alves (2020), Azevedo (1976), Candido (1972, 1989, 2011), Freire (1989), Martins (2006), Mortatti (2008), Piaget (1967), Perrone-Moisés (1978, 2006), Todorov (2010), dentre outros, e também a sua importância no cenário da educação brasileira e as ferramentas que o professor pode empregar para formar leitores conscientes e críticos para atuarem na sociedade e no mundo no qual se inserem.

Palavras-chave: Educação, ensino de literatura, professor, ensino médio, leitor crítico.

Abstract: *The purpose of this paper is to discuss some issues that permeate the teaching of literature in High School and become a constant challenge in the educational field, such as the strategies used in classes to study literary texts, the paths taken in Brazil with regard to the teaching of literature in schools, from the colonial era to the contemporary time and the relevance of teacher's formation who will work in schools and will have a outstanding role in the formation of critical readers who must be aware of their insertion and performance in society. The methodology is based on bibliographic research of books that address the teaching of literature: Alves (2020), Azevedo (1976), Candido (1972, 1989, 2011), Freire (1989), Martins (2006), Mortatti (2008), Piaget (1967), Perrone-Moisés (1978, 2006), Todorov (2010), among others, and also its importance in the Brazilian education scenario and the tools that the teacher can use to train conscious and critical readers to act in society and in the world in which they are inserted.*

Keywords: *Education, teaching literature, teacher, high school, critical reader.*

¹ Graduando em Letras – Português/Inglês pela Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS). E-mail: emersonetorres@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-6896-4741>

² Doutor em Letras pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, UNESP. Docente da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS). E-mail: abotoso@uol.com.br. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-3231-2351>

Introdução

O Brasil ainda está muito longe de ser um país de leitores. As ferramentas que temos disponíveis para uma virada nessa lastimosa realidade, sobretudo no campo educacional, devem ser estimuladas e fortalecidas, mas, além disso, deverão ser repensadas. Entendendo a educação formal como a mais básica e promissora aliada à formação de leitores, seja pela relação de aprendizagem criada entre o aluno e o professor ou pelo estímulo social que o aprendiz vivencia ao se socializar em uma escola, e analisando os alarmantes resultados de pesquisas recentes que mapeiam os leitores do nosso país, notamos que, conforme a máxima popular, a conta não fecha, porque há um baixo consumo de obras literárias, cujo preço ainda é alto, as leituras propostas para os alunos, muitas vezes, não são adequadas ou não interessam aos estudantes, além disso, os jovens consideram o celular muito mais atraente, com seus jogos e possibilidades de troca de mensagens, fotos etc., e preferem essa forma de entretenimento do que ler um livro. É necessário, pois, repensar as estratégias para atrair a atenção desse público, que parece se distanciar cada vez mais das obras ficcionais.

Destacar a excelência da leitura na transformação de um indivíduo social em um cidadão é algo que já vem sendo feito se analisarmos o grande arcabouço de autores, pesquisas científicas e até mesmo projetos do governo brasileiro (PRÓ-LEITURA, PNBE – Plano Nacional de Biblioteca Escolar, PNLL – Plano Nacional do Livro e Leitura) que versam, cada um à sua maneira, sobre a necessidade de formarmos leitores.

Também sabemos que Ler, com letra maiúscula, não é apenas a simples decodificação de signos linguísticos, mas transcende essa ideia como nos aponta Paulo Freire no seu livro *A importância do ato de ler*: “A compreensão do texto a ser alcançada por sua leitura crítica implica a percepção das relações entre o texto e o contexto” (FREIRE, 1989, p. 11).

Portanto, urge a necessidade de trazermos à luz do discurso uma reflexão que siga afirmando a importância do ensino de literatura na escola e que motive a formulação de alternativas para isso. Pensar sobre os desafios impostos aos educadores da Educação Básica no ensino de literatura dentro da língua portuguesa se justifica frente à necessidade prática de orientação metodológica a esses professores.

A indagação imperativa que se revela neste texto é a seguinte: Quais são as possíveis estratégias para suscitar o gosto pela leitura nos jovens adolescentes, público ideal do Ensino Médio, aprendizes de cidadania, em uma sociedade cada vez mais veloz e repleta de distrações?

Para a resolução dessa interrogativa, esta escrita percorrerá obras de autores que se debruçaram na formulação de diagnósticos sobre essa realidade e na proposição de ideias práticas que podem ser realizadas na sala de aula da Educação Básica, principalmente no Ensino médio, que é o nível de ensino brasileiro em que as literaturas brasileira e portuguesa se inserem como competências fundamentais para o ensino da língua portuguesa.

No primeiro tópico será abordada a importância da leitura e da literatura na formação social do indivíduo. Na sequência, será a vez da história da educação, das normas, leis e diretrizes da educação brasileira que tratam do ensino de Literatura no Ensino Médio. Por fim, o tópico terceiro retratará a importância da formação de professores para o aumento no número de leitores no nosso país, reafirmando a maestria da literatura nos processos de aprendizagem de vida.

Este artigo foi desenvolvido a partir da pesquisa bibliográfica, calcada no levantamento da fortuna crítica sobre o tema estudado, bem como em discussões teóricas alicerçadas nas obras dos últimos quarenta anos e que tratam da questão do ensino de Literatura. Abordaremos algumas obras teóricas que discorrem sobre as implicações da leitura na sociedade moderna, outras sobre as diretrizes da educação no Brasil e, por fim, aquelas que dissertam sobre a relevância da formação de professores na educação de literatura no Ensino Médio.

1. A importância da leitura e da literatura na formação social do indivíduo

Muito além de apenas um gosto subjetivo, a leitura colabora para o processo de humanização do indivíduo, pois facilita o processo de fabulação, ou seja, da capacidade de conseguirmos apreciar uma história, contá-la e refletir sobre ela. Interessante destacar a proximidade existente entre o leitor e o escritor, pois ambos andam lado a lado. A existência de um predispõe a presença do outro.

Para além desse alcance individual e subjetivo, é através da leitura que é possível um contato com o outro, outras ideias, outras vivências, outras sociedades e outras visões de mundo. Nesse contato, conseguimos desenvolver virtudes interessantes como a tolerância e o respeito, pois tendo contato com costumes, línguas, e culturas diferentes, a convivência com o diferente torna-se possível.

1.1 A importância da prática da leitura

Ler é um verbo que possui uma variedade semântica, ou seja, de sentidos, que comprova a sua importância: Ler, além do ato de conseguir codificar letras aglutinadas, diz respeito a conhecer e ter a capacidade de interpretar algo. Nesse sentido, podemos ler pessoas, construções, filmes, cidades ou até mesmo sociedades.

De acordo com Freire (1989, p. 20), “a leitura da palavra não é apenas precedida pela leitura do mundo, mas por uma certa forma de ‘escrevê-lo’ ou de ‘reescrevê-lo’, quer dizer, de transformá-lo através de nossa prática consciente”. Na visão do autor, o termo leitura de mundo deriva da noção da leitura da palavra. Toda palavra gera outra palavra, partindo de seus sentidos. Assim, toda palavra equivale à palavra-mundo, ou seja, essa integraliza o que era a noção de um mundo exterior junto ao mundo interior. Tal visão demonstra o imperativo da linguagem em ser a “janela para mundo empírico”, ou seja, através dela iremos conseguir acessar locais e ideias geograficamente distantes, advindos de sociedades diversas.

As conexões cognitivas, que elaboramos no nosso pensamento, sempre principiam pela linguagem. É por intermédio dela que formulamos a nossa vida prática, construímos ideias sobre quem somos ou de onde vivemos, e inclusive elaboramos a nossa própria identidade. Nesse sentido, Piaget, pensador suíço que desenvolveu, no século XX, a noção de *epistemologia genética*, buscou compreender como o conhecimento surge e se desenvolve durante a formação de uma criança. Nesse sentido, ele destaca a prevalência da linguagem como base para a construção do pensamento:

[...] não é menos evidente que quanto mais refinadas as estruturas do pensamento, mais a linguagem será necessária para complementar a elaboração delas. A linguagem, portanto, é condição necessária, mas não suficiente para a construção de operações lógicas. Ela é necessária, pois sem o sistema de expressão simbólica que constitui a linguagem, as operações permaneceriam no estado de ações sucessivas, sem jamais se integrar em sistemas simultâneos ou que contivessem, ao mesmo

tempo, um conjunto de transformações solidárias. Por outro lado, sem a linguagem as operações permaneceriam individuais e ignorariam, em consequência, esta regularização que resulta da troca individual e da cooperação (PIAGET, 1967, p. 92).

Por meio do desenvolvimento da linguagem no mundo moderno, o indivíduo poderá formular questionamentos sobre a própria vida, suas aspirações e o modo de ver o mundo, porque se torna possível a análise, a escrita e a reescrita do que se lê e se observa na realidade circundante.

1.2 Educação literária e a formação de leitores

Muito além da noção do senso comum, que tende a pensar a literatura simplesmente como uma disciplina que analisa histórias fictícias elaboradas por autores no decorrer histórico da humanidade, a literatura transcende qualquer categorização básica. Segundo Antonio Candido (1989), ela é um direito fundamental e básico da humanidade, sendo uma de suas potencialidades mais estimadas a capacidade de levar o leitor, através da ficção, a uma experimentação social diversa da que ele vivencia. Conforme o referido crítico,

[...] a literatura tem sido um instrumento poderoso de instrução e educação, entrando nos currículos, sendo proposta a cada um como equipamento intelectual e afetivo. Os valores que a sociedade preconiza, ou os que considera prejudiciais, estão presentes nas diversas manifestações da ficção, da poesia e da ação dramática. A literatura confirma e nega, propõe e denuncia, apoia e combate, fornecendo a possibilidade de vivermos dialeticamente os problemas (CANDIDO, 1989, p. 113).

Sem dúvida, a literatura é uma valiosa ferramenta para estimular o crescimento intelectual e a capacidade do indivíduo a fim de refletir sobre a realidade, os problemas de seu cotidiano, enfim, a respeito da vida e das situações corriqueiras, que irrompem no seu dia a dia. A sua valorização implica em aprimorar a capacidade, o intelecto e a possibilidade de reflexão crítica sobre a realidade e o universo no qual o ser humano está inserido.

Contudo, como suscitar o interesse das pessoas para a literatura? Através da educação formal. A escola é o primeiro contato da criança com a sociedade e, além de ser um espaço formativo no quesito de apresentar conteúdos epistemológicos distintos, é lá que ocorrerá a primeira socialização do indivíduo. Logo, deduzimos que o interesse pela leitura surge inicialmente pela imitação, ou seja, a criança, ao observar um adulto lendo, interessa-se

pela experiência que poderá ou não se realizar. Esse processo pode se dar por referências familiares, mas, no contexto brasileiro de poucos leitores, isso se consolida na criança por meio da figura performática do professor. Afinal, ao ver alguém ler, provavelmente poderá surgir a vontade de ler.

O processo da fabulação, contar história, é o primeiro contato do indivíduo com o que vem a ser chamado de literatura. Observando a perspectiva nacional do ensino de literatura, Perrone-Moisés (2006) critica o modo pelo qual a literatura foi encarada no Brasil e afirma o valor desta para a formação do indivíduo enquanto ser social:

Sendo o texto literário um texto tão complexo, por que manter a literatura nos currículos escolares? 1) porque, exatamente por ser complexo, a leitura do texto literário exige uma aprendizagem que deve ser iniciada na juventude; 2) porque os textos literários podem incluir todos os outros tipos de texto que o aluno deve conhecer; 3) porque a literatura, quando o leitor dispõe de uma capacidade de leitura que não é inata mas adquirida, dá prazer e auto-estima (e a função do professor é exatamente de demonstrá-lo) (PERRONE-MOISÉS, 2006, p. 28).

Os problemas que surgem na prática do ensino de literatura convergem com a problemática mundial que Todorov (2010) diagnostica ao analisar o modelo francês de ensino de literatura, uma vez que “[a] literatura vai muito além da linguagem e da construção de um universo ficcional; ela é uma forma específica de leitura da vida social” (RIBEIRO, 2014, p. 211). Traçando um paralelo com a realidade brasileira, temos que a literatura atualmente tampouco tem espaço no Ensino Básico, sendo negligenciada em face do acúmulo dos conteúdos gramaticais, que devem ser ensinados nas aulas de língua portuguesa. No espaço que ainda lhe resta, os trabalhos convergem para uma espécie de categorização de obras e autores em escolas literárias, que mais dividem do que integram.

Ao dizer que a literatura está em perigo, Todorov (2010) destaca a sua inscrição social, cultural, histórica, política, geográfica, e chama a atenção para o fato de que é imprescindível valorizar a literatura, ensiná-la, fazendo os saberes circularem e propiciando a formação de leitores críticos e capazes de se posicionarem frente às problemáticas que certamente surgirão ao longo de sua vida.

A seguir, traçamos um panorama do ensino de literatura em nosso país, que parte do período colonial até chegar aos dias atuais.

2. Histórico da trajetória do ensino de literatura no Brasil

Assim como na situação das outras disciplinas que compõe a grade curricular do ensino regular, o ensino de literatura passou por diversas mudanças no decorrer da história brasileira. Segundo Schwarcz e Starling (2015), o surgimento da educação no Brasil se deu junto à vinda dos Jesuítas, companhia fundada pelo Padre Inácio de Loyola no século XVI. Sua função variava dependendo da localidade em que se encontrava:

Na Europa, a função religiosa da Companhia de Jesus foi, sobretudo, o combate aos hereges. A função educativa manteve-se voltada para a formação dos seus próprios quadros e para a educação dos filhos da elite. Nos territórios colonizados, a ação evangelizadora dos jesuítas tomou outro rumo, por causa dos interesses da política econômica sobre as colônias e da existência da escravidão (CASIMIRO, 2007, p. 90).

A principal potencialidade da educação jesuítica nesse momento era a de catequizar os índios e alfabetizar os filhos dos colonos, preparando os homens para a igreja. O uso da Literatura mundial no ensino jesuítico, em vez de ser focado no caráter histórico-social de uma obra literária, concretizava-se apenas como uma ferramenta para o ensino da língua-padrão, pois priorizava-se a arte da eloquência, do bem falar.

As obras, ditas brasileiras, da época, redigidas por homens portugueses, sempre se ocupavam das temáticas de formação, ou seja, histórias tendenciosas sobre a fundação do novo local descoberto, prevalecendo a nação europeia frente aos povos primitivos. Enfatiza-se o caráter religioso das produções coloniais. A *Carta de Pero Vaz de Caminha*, tradicionalmente conhecida como o primeiro documento escrito brasileiro, exemplifica a construção dessa alegoria de um lugar com ânsia por civilização. Obviamente, nesse contexto a literatura brasileira surgiu como um rebento da literatura portuguesa.

A educação apenas tornou-se interesse da Coroa no século XVII, com a Reforma Pombalina, uma grande reforma nas leis de Portugal, que ocasionou a expulsão da Companhia de Jesus do Brasil. Essa reforma, influenciada pelo Iluminismo, buscava, tanto lá como aqui, alternativas para que Portugal saísse do atraso econômico em que se encontrara, priorizando a formação intelectual das pessoas. Pontuava que os jesuítas falharam na construção de um local civilizado, e que seria através da ciência que tal projeto se edificaria. Seria um prelúdio ao modernismo que eclodiria no século XIX:

[...] marcando o divisor das águas entre a pedagogia jesuítica e a orientação nova dos modeladores dos estatutos pombalinos de 1772, já aparecem indícios claros da época que se deve abrir no século XIX e em que se defrontam essas duas tendências principais. Em lugar de um sistema único de ensino, a dualidade de escolas, umas leigas, outras confessionais, regidas todas, porém, pelos mesmos princípios; em lugar de um ensino puramente literário, clássico, o desenvolvimento do ensino científico que começa a fazer lentamente seus progressos ao lado da educação literária, preponderante em todas as escolas; em lugar da exclusividade de ensino de latim e do português, a penetração progressiva das línguas vivas e literaturas modernas (francesa e inglesa); e, afinal, a ramificação de tendências que, se não chegam a determinar a ruptura de unidade de pensamento, abrem o campo aos primeiros choques entre as idéias antigas, corporificadas no ensino jesuítico, e a nova corrente de pensamento pedagógico, influenciada pelas idéias dos enciclopedistas franceses, vitoriosos, depois de 1789, na obra escolar da Revolução (AZEVEDO, 1976, p. 56-57).

Este momento é importante para a história da educação brasileira não necessariamente pela sua efetividade prática para aquela época, afinal, desde 1500, tudo era muito precário, inacessível, não facilitando a concretização das leis da Coroa, mas sim pela simbologia inaugural de um precedente do que futuramente seria a educação brasileira.

Esse fato acarretou modificações na formação dos alunos, que outrora eram preparados para a prática eclesiástica. No caso da Literatura, passa-se a uma fase de contemplação do “nacional”.

Estava na luz dos interesses nacionais a criação de uma literatura brasileira, diferente da portuguesa. Portanto, o ensino de literatura seria uma estratégia para a fundamentação e divulgação de uma história nacional e uma maneira de se firmar as potencialidades e o progresso de uma nação, que desejava libertar-se da metrópole e caminhar com os “próprios pés”.

2.1 O surgimento da literatura enquanto disciplina escolar

Foi apenas no século XIX que surgiram registros sobre estudos de literatura no Brasil. Souza (2011) sublinha que foi neste período que principiam os estudos literários, que, no futuro, resultaram na crítica literária nacional. No século em questão, foi sistematizado o que seria o ensino regular brasileiro, ancorado no acesso às escolas de Direito e Medicina que havia no país. Razzini (2010, p. 46) destaca essa tendência:

Pode-se dizer que o ensino secundário brasileiro foi sistematizado quando as academias de direito, seminários e escolas militares passaram a oferecer num só lugar as “aulas menores” (já desmembradas das Primeiras Letras, ou seja, do ler-escrever-contar) que, junto com liceus e colégios públicos e particulares iriam substituir paulatinamente as aulas régias avulsas, regulamentadas desde o século XVIII.

Frente a essa realidade sob a luz do Modernismo, nome genérico dado a um ramo de movimentos culturais e de estilo que propunham uma ruptura com as escolas clássicas antecedentes, o ensino de literatura no Brasil começa a ser pensado estrategicamente. Como cada processo seletivo superior estabelecia procedimentos diferentes de acesso, com temáticas e conteúdos diferentes, o governo brasileiro centralizou no Colégio Dom Pedro II um modelo de ensino secundário que viria a se perpetuar Brasil afora. Nesse modelo, grande parte da carga horária estava dedicada à disciplina de língua portuguesa e também de literatura.

Com a virada do século, a literatura é laureada frente aos movimentos nacionalistas que buscavam a independência brasileira do império português. Nesse processo de independência, valores como identidade nacional, fortalecimento de uma cultura brasileira além de valorização de símbolos e escritores buscavam a criação de algo genuinamente brasileiro. Nesse momento, a literatura protagoniza a construção de uma história heroica e, assim, consagra-se sua importância no ensino formal.

2.2 O ensino de literatura na contemporaneidade

O documento mais fundamental para a educação contemporânea brasileira é a Constituição de 1988, por estabelecer a educação como um direito fundamental e definir o espaço da educação na coisa pública, estipulando que outras leis viriam para regulamentar esse direito fundamental. Uma delas, a pioneira, foi a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional n. 9.395/96, que segue vigente até os dias de hoje. Nela, a expressão Literatura acabou sendo englobada na categoria Linguagens, conceito mais abrangente, que podemos imaginar sendo verbais e não verbais. Antes, a LDB Ed 1971 permitia a autonomia e a independência da disciplina.

Foi apenas por meio dos parâmetros curriculares nacionais (PCN’S), que surgem em 1997, que notamos a tentativa da correção de algumas lacunas que as leis anteriores não abarcavam. No PCN de 2002 (BRASIL), a literatura é entendida como arte: “as Artes,

SILVA, Emerson Torres da; BOTOSO, Altamir. **O ENSINO DE LITERATURA: ESTRATÉGIAS, TRAJETOS E A FORMAÇÃO DE PROFESSORES.**

incluindo-se a literatura, como expressão criadora e geradora de significação de uma linguagem e do uso que se faz dos seus elementos e de suas regras em outras linguagens.” Portanto, mantêm-se no horizonte da interdisciplinaridade (OSAKABE; FREDERICO, 2004).

Pela própria natureza do Direito, as legislações sobre a educação, como outros tipos de lei, vêm periodicamente sofrendo algumas mutações o que acaba impedindo uma continuidade em um determinado projeto de educação nacional.

No caso da literatura, várias vezes foram retiradas a sua autonomia enquanto disciplina. A partir da primeira década do século XXI, notamos algumas tentativas de mantê-la independente, mas recentemente vários estudos novamente tomam seu espaço, enclausurando-a a grades curriculares do ensino de Língua Portuguesa, empregando-a como recurso para o aprendizado de gramática, por exemplo. Permanece o conteúdo da literatura, mas perde-se o espaço próprio para o seu ensino.

Como, nessas idas e vindas, o profissional de Letras, incumbido de ensinar Literatura, consegue se sobressair mantendo a integridade do ensino de Literatura? Ora, é interessante percebermos que, por se tratar de profissional que deve seguir os parâmetros curriculares, a sua ação é limitada e condicionada a decisões de autoridades do ensino: Ministro da Educação, Secretários da Educação e Diretores escolares.

Logo, o trabalho docente é parte constitutiva do trabalho didático e se coloca ao lado de todas as demais formas de trabalho atreladas aos serviços e funções que ele abrange, já brevemente referidas. Sua limitada autonomia se traduz nas operações exercidas pelo professor em sala de aula e, submetido à programação produzida fora do espaço escolar, reduz-se à esfera da execução (ALVES, 2012, p. 177).

Para além dessa limitação normativa, vale ressaltar a relativa liberdade do professor na escolha dos métodos didáticos que usará para o alcance dos seus objetivos e que facilitam a criação de estratégias e metodologias que insiram a literatura na ordem do dia escolar. Esses fatos, indubitavelmente, preconizam possibilidades bastante otimistas no que tange ao ensino de literatura, particularmente, no Ensino Médio. Também permitem vislumbrar que há possibilidades de se ampliar e tornar mais eficiente e prazeroso o ensino da literatura. O professor goza de certa autonomia, podendo variar a escolha de materiais e obras a serem trabalhadas em sala de aula. Vale destacar que as novas tecnologias e os desafios da contemporaneidade exigem, cada vez mais, um mestre que domine assuntos relacionados à

computação, ao armazenamento de dados e compartilhamento de informações, para deixar suas aulas mais atraentes e capazes de cativar seus alunos, já imersos nesse contexto.

3. A importância da formação de professores para o ensino de literatura

Atualmente, o ensino de literatura nas escolas nem sempre se apresenta de maneira atrativa para os jovens, que se encontram cada vez mais mergulhados na cultura digital do século XXI. Muitas vezes, eles não encontram motivos para estudar algo distante da vida prática, podem considerar os textos “velhos”, antigos. Adjetivos esses que solidificam a construção de um mito de que a leitura é algo penoso e difícil. Essa ideia deve ser desconstruída pelos educadores durante o primeiro contato dos alunos com os assuntos literários. É normal que surjam indagações como esta: Qual a serventia da Literatura para além do ingresso nas universidades?

Esse questionamento advém do próprio tratamento que as escolas e os educadores da disciplina aplicam à literatura. Será que o ensino de literatura está adequado ao objetivo de formar leitores, críticos e letrados?

O sistema educacional acabou sufocando o texto literário nos livros didáticos, inclusive no ensino da língua portuguesa, que geralmente se desenvolve em torno de três eixos centrais, colocados aqui conforme o grau de importância eleito pelas escolas: Gramática, Redação e Literatura.

Esse último eixo se encontra atrelado aos esquemas que focalizam os períodos literários em detrimento da obra literária, distanciando ainda mais o estudante do livro de ficção. Tal tratamento dispensado à literatura pelos esquemas pedagógicos acaba reafirmando a popularização do mito e de uma impressão superficial acerca da disciplina, pois retira dela a sua principal funcionalidade: a humanização. Nesse sentido, vale enfatizar que

[...] os (bons) textos literários encantam e ensinam (obviamente, se lidos, ou pelo menos ouvidos), porque fazem diferença em nossas vidas, constituem experiências profundamente humanas [...], porque nos ajudam a formular perguntas para nossa vida, estimulam nossa sabedoria, nossa busca de conhecimento de nós mesmos e do mundo. Nesse sentido, encantam e ensinam, porque, lendo-os, aprendemos algo sobre nossa vida, ao mesmo tempo em que aprendemos sobre a importância da literatura na formação do ser humano [...] Esses textos têm, portanto, uma função formativa específica (MORTATTI, 2008, p. 27).

É através da leitura que temos contato com o outro: indivíduos diferentes, culturas diferentes e sociedades diferentes. Transdisciplinar por natureza, ela nos prepara para a vida em sociedade e nos proporciona um prazer de desfrute estético. Ela tem o poder de reunir outras ciências e áreas do conhecimento em um objeto escrito e tem a licença para fugir da regra-gramatical-padrão tão engessada pelos livros didáticos. Resgatar essa potencialidade humanizadora deve ser o principal objetivo do professor.

Candido (1972) destaca três funções norteadoras da literatura: a primeira é a de incentivar o ser humano a fabular, ou seja, a capacidade de devanear sobre temas universais ou recortados; posteriormente, o autor cita a função formadora. Ela é um instrumento de tomada de consciência, ao ponto que retrata realidades que o grupo da ideologia dominante tenta esconder; por fim, aponta a sua função social. A literatura permite ao leitor a formulação e o reconhecimento da realidade que vivencia.

A literatura pode formar; mas não segundo a pedagogia oficial. [...] Longe de ser um apêndice da instrução moral e cívica, [...], ela age com o impacto indiscriminado da própria vida e educa como ela. [...]. Dado que a literatura ensina na medida em que atua com toda a sua gama, é artificial querer que ela funcione como os manuais de virtude e boa conduta. E a sociedade não pode senão escolher o que em cada momento lhe parece adaptado aos seus fins, pois mesmo as obras consideradas indispensáveis para a formação do moço trazem frequentemente aquilo que as convenções desejariam banir. [...] É um dos meios por que o jovem entra em contato com realidades que se tenciona escamotear-lhe (CANDIDO, 1972, p. 805).

A literatura auxilia o indivíduo na compreensão de si e do mundo, mas, na escola, ela acaba submetida aos procedimentos formais que preferem focalizar as características do patrimônio histórico literário, deixando a experiência estética em segundo plano. Tal tendência torna o ensino de literatura algo enfadonho e sem muitos atrativos, não facilitando ao aluno o reconhecimento do diálogo que ocorre entre os textos literários e a sociedade em que vive. É importante perceber o caráter autorreferencial da literatura, pois ela sempre surge em um contexto povoado por outras obras, que mantêm estreitos diálogos entre si. Dessa forma,

Em todos os tempos, o texto literário surgiu relacionado com outros textos anteriores ou contemporâneos, a literatura sempre nasceu da e na literatura. Basta lembrar as relações temáticas e formais de inúmeras grandes obras do passado com a Bíblia, com os textos grecolatinos, com as obras literárias imediatamente anteriores, que lhes serviam de modelo estrutural e de fonte de “citações”, personagens e situações

(*A Divina Comédia, Os Lusíadas, Dom Quixote*, etc.) (PERRONE-MOISÉS, 1978, p. 59).

Com isso em mente, percebe-se o complexo trabalho de categorizar o que é ou não é literatura. Fato que acaba confundindo os educadores que também não têm essa questão muito esclarecida. Assim, é extremamente necessário investir na formação de professores, de modo que eles, situados dentro das discussões acadêmicas, além de desenvolverem também o seu apreço pela literatura, busquem alternativas para atrair o interesse dos alunos à leitura e, conseqüentemente, à literatura. Precisa-se fugir do modo como se ensina a ensinar literatura.

A forma como o texto costuma ser manipulado/manietado na formação dos profissionais de Letras obedece a uma crítica ditatorial feudal e autorreferente. Do leitor não se espera contentamento, euforia, conforto (*prazer*) e muito menos um estado de alerta, uma crise, uma releitura de suas convicções, gostos, valores e lembranças (*fruição*) (LEAHY-DIOS; LAGE, 2001, p. 23, grifos do autor).

Após muita reflexão sobre as possibilidades dos professores atraírem a atenção dos estudantes para o ensino de literatura, Martins (2006) sugere algumas ideias que podem ser materializadas na sala de aula: tornar o texto literário mais próximo das vivências do aluno, buscando por temas, ideias e curiosidades que despertem nele o interesse para a leitura; propiciar a leitura de textos de autores que fujam do cânone, ou seja, que não estejam laureados pela crítica literária – existem muitos autores contemporâneos que produzem obras magníficas que fogem dos olhos da academia; delimitar o ponto de partida da análise no texto, e não se restringir a fragmentos triturados e inseridos em livros didáticos; diversificar os temas e os trabalhos.

Além dessas sugestões, Martins (2006) ainda preconiza as seguintes perspectivas: pensar em alternativas diversas que ajudem a reconhecer se o aluno leu ou não o texto, como dramatizações, leituras coletivas ou adaptações para outros gêneros, como quadrinhos, filmes e desenhos; incentivar a comparação entre os textos; refletir sobre a intertextualidade de uma obra literária, contextualizando-a no seu tempo, com valores da época, comparando-as com os da contemporaneidade; evitar o uso do texto literário para fins gramaticais; atrelar o ensino tecnológico ao de literatura; estimular as relações interartes; valorizar as leituras dos discentes; não restringir o estudo apenas aos materiais previstos no projeto pedagógico.

Essas dicas não buscam servir como regras rígidas para o bom ensino da literatura, mas sim fomentar o debate e a reflexão acerca da efetivação do seu ensino na Educação Básica regular.

Além delas, outro fator destacado por Paulo Freire é a necessidade de se formar não professores educadores, mas professores educadores e pesquisadores:

Não há ensino sem pesquisa e pesquisa sem ensino. Esses que-fazer-se encontram um no corpo do outro. Enquanto ensino continuo buscando, reprocurando. Ensino porque busco, porque indaguei, porque indago e me indago. Pesquiso para constatar, constatando, intervenho, intervindo educo e me educo. Pesquiso para conhecer o que ainda não conheço e comunicar ou anunciar a novidade (FREIRE, 1996, p. 29).

A verdade é que cada situação é específica, assim como cada turma é singular. Os gostos, aptidões, projetos e projeções diferem conforme a classe social, a localização geográfica e a visão de mundo que cada indivíduo que compõe uma turma escolar tem. E a literatura deve ser vista conforme a visão de Candido (2011), de forma ampla, abrangendo variados gêneros que se relacionam com a ideia de fabulação, como a lenda, o folclore e o chiste e que provoquem o interesse do estudante, que lhe permita refletir e continuar sempre buscando respostas e nunca se contentar com o superficial, mas mergulhar cada vez mais fundo na aventura do saber, da descoberta e do olhar atento e crítico para a realidade que o circunda e para o mundo no qual ele vive/convive com outros seres humanos.

Considerações finais

O ensino de literatura no Ensino Médio é resultado de uma sucessão histórica de descasos e a maior consequência visível dessa realidade é a carência de leitores na nossa nação. Contrariamente a isso, percebemos que os países com grande número de leitores são mais desenvolvidos economicamente, pois a leitura facilita o letramento e favorece o progresso e o desenvolvimento, porque, ao formar indivíduos críticos e libertos, a autonomia humana para a modificação da sua realidade acaba sendo fortemente favorecida.

No Brasil, a história da educação de literatura coincide com a própria história da educação. Foram tantos avanços e recuos nesses cinco séculos passados, que pensar a educação no contexto brasileiro se torna uma atividade extremamente complexa, mas não

SILVA, Emerson Torres da; BOTOSO, Altamir. **O ENSINO DE LITERATURA: ESTRATÉGIAS, TRAJETOS E A FORMAÇÃO DE PROFESSORES.**

impossível. A maior estratégia para a criação de um país de leitores é o investimento na formação dos trabalhadores da educação.

Os professores, que são aqueles que protagonizarão a mudança na linha de frente, devem ser reconhecidos e valorizados para que se coloquem na posição de pesquisadores, valorizando uma formação continuada. Formação esta crítica e livre das amarras do poder.

Por fim, vale frisar que os elementos e as particularidades do ensino aqui discutidos não estão finalizados e encontram-se abertos à espera de outras discussões e contribuições. As peculiaridades e os desafios pontuais no ensino da literatura no Ensino Médio se ramificam em diversas possibilidades, que dependerão dos objetivos práticos que cada professor almeja na sala de aula. Mesmo não encerradas, as ponderações aqui expressas poderão servir como um amparo para aqueles que buscam incentivar seus alunos a se tornarem leitores críticos, em sintonia com as novas tecnologias de informação e os avanços do mundo contemporâneo.

REFERÊNCIAS

ALVES, G. L. Organização do trabalho didático: a questão conceitual. **Acta Scientiarum. Education**, Maringá, v. 34, n. 2, p. 169-178, jul./dez. 2012. Disponível em: <<http://periodicos.uem.br/ojs/index.php/ActaSciEduc/article/view/17180/9978>> Acesso em: 10 out. 2020.

AZEVEDO, Fernando de. **A transmissão da cultura**. São Paulo: Ed. Melhoramentos, 1976.

CANDIDO, Antonio. Direitos humanos e literatura. *In*: A. C. R., Fester (org.). **Direitos humanos e...** São Paulo: Cjp/Ed. Brasiliense, 1989.

CANDIDO, Antonio. A literatura e a formação do homem. **Ciência e Cultura**, 24 (9): 803-809, set. 1972.

CANDIDO, Antonio. O direito à literatura. *In*: CANDIDO, Antonio. **Vários escritos**. 5. ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul / São Paulo: Duas Cidades, 2011.

CASIMIRO, Ana Palmira Bitencourt Santos. Igreja, educação e escravidão no Brasil Colonial. **Revista Politeia: História e Sociedade**, Vitória da Conquista, BA, v. 7, n. 1, p. 85-102, 2007. Disponível em: <bit.yoks.br> Acesso em: 16 set. 2020

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler**: em três artigos que se completam. São Paulo: Autores Associados: Cortez, 1989.

SILVA, Emerson Torres da; BOTOSO, Altamir. **O ENSINO DE LITERATURA: ESTRATÉGIAS, TRAJETOS E A FORMAÇÃO DE PROFESSORES.**

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia.** São Paulo: Paz e Terra, 1996.

LEAHY-DIOS, Cyana (org.); LAGE, Cláudia (colab.). **Língua e literatura: uma questão de educação?** Campinas: Papyrus, 2001.

MARTINS, Ivanda. A literatura no ensino médio: quais os desafios do professor? In: BUZEN, Clécio; MENDONÇA, Márcia (orgs.). **Português no ensino médio e formação de professor.** São Paulo: Parábola, 2006.

MORTATTI, M. R. L. Literatura e ensino: notas quixotescas da fronteira. **Leitura. Teoria & Prática**, n. 50-51, 2008.

OSAKABE, H.; FREDERICO, E. Y. **Literatura.** 2004. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/03Literatura.pdf>> Acesso em: 10 mai. 2020.

PERRONE-MOISÉS, Leyla. Literatura para todos. **Literatura e sociedade**, São Paulo, n. 9, p. 16-29, 2006.

PERRONE-MOISÉS, Leyla. **Texto, Crítica, Escritura.** São Paulo: Ática, 1978.

PIAGET, Jean. **Seis estudos de psicologia.** Rio de Janeiro: Forense-Universitária. 1967.

RAZZINI, Márcia de Paula Gregório (2010). História da disciplina português na escola secundária brasileira. **Revista Tempos e Espaços em Educação**, São Cristóvão, v. 3, n. 4, p. 43-58, jan./jun. Disponível em: <Disponível em: <https://goo.gl/FZhZGJ>> Acesso em: 18 set. 2020.

RIBEIRO, Guilherme. Pensamento pragmático, inútil literatura: A crítica de Tzvetan Todorov. Resenha de **A literatura em perigo.** **Revista Continentes** (UFRRJ), ano 3, n. 4, 2014, p. 209-213. Disponível em: <<https://www.revistacontinentes.com.br/index.php/continentes/article/view/46>> Acesso em: 28 mai. 2021.

SCHWARCZ, Lilia M.; STARLING, Heloísa M. **Brasil: uma biografia.** São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

SOUZA, Roberto Acízelo de. Os estudos literários: fim(ns) e princípio(s). **Itinerários**, Araraquara, n. 33, p.15-38, jul./dez. 2011. Disponível em: <<https://periodicos.fclar.unesp.br/itinerarios/article/view/4859/4086>> Acesso em: 28 mai. 2021.

TODOROV, Tzvetan. **A literatura em perigo.** Tradução de Caio Meira. 3. ed. Rio de Janeiro, DIFEL, 2010.

Recebido em 09/05/2021

Aprovado em 08/06/2021